

Mesmo com essa recuperação dos fluxos globais de investimento direto, somente em 2012 estes irão se aproximar do nível pré-crise de 2007. Os ingressos de investimento direto no Brasil no primeiro semestre, aquém das expectativas, é apenas mais um sintoma desse novo contexto global. A assinatura de tratados bilaterais de investimento constitui um dos possíveis instrumentos para enfrentar este cenário de maior disputa entre países por um menor fluxo global de IDE.

CENÁRIO DE MAIOR DISPUTA ENTRE PAÍSES POR UM MENOR FLUXO GLOBAL DE IDE IMPÕE NOVOS DESAFIOS AO BRASIL

Não é novidade que os fluxos globais de IDE se ressentiram das incertezas acerca do crescimento da economia mundial ao longo dos últimos 2 anos. De fato, os fluxos globais de investimento direto estrangeiro (IDE) recuaram 37% em 2009 frente ao ano anterior, para US\$ 1,1 trilhão. Esta retração foi adicional à queda dos fluxos globais de 16% ocorrida no ano de 2008, como se observa na figura 1. Todas as modalidades de investimento direto, como lucros reinvestidos, participação no capital e empréstimos intercompanhia, recuaram. Com essas reduções observadas ao longo dos 2 últimos anos, os fluxos globais de IDE de 2009 representam apenas 53% dos fluxos globais de investimento direto, de US\$ 2,1 trilhões, observada no ano de 2007, pico da série.

A redução de fluxos de IDE ocorreu em todos os setores, mas foi mais acentuada na manufatura do que no setor de serviços e no setor primário, tendência que deverá perdurar nos próximos anos. Poucos subsetores apresentaram aumento de seus fluxos de IDE em 2009 frente a 2008. Entre estes estão os de infra-estrutura, como de energia elétrica, gás, saneamento, construção civil e telecomunicações.

Os primeiros meses de 2010 demonstram os primeiros sinais de recuperação dos fluxos globais de IDE, ainda que de forma gradual, instável e desigual. Segundo a Unctad, os fluxos de IDE globais devem atingir para US\$ 1,2 trilhão no ano de 2010, US\$ 1,3 a US\$ 1,5 trilhão no ano de 2011 e US\$ 1,6 a US\$ 2,0 trilhões no ano de 2012. Ou seja, mesmo com essa recuperação dos fluxos globais de investimento direto, somente em 2012 estes irão se aproximar do nível pré-crise de 2007, de US\$ 2,1 trilhões. Há ainda o risco de protecionismo do investimento de governos e sindicatos de economias desenvolvidas como forma de manter empregos, em detrimento dos fluxos de IDE para economias em desenvolvimento.

A economia brasileira não constitui exceção em meio ao cenário de escassez de fluxos globais de IDE. Os ingressos de investimento direto no Brasil no primeiro semestre de 2010, de US\$ 12,1 bilhões, aquém das expectativas de mercado do início deste ano, é apenas mais um sintoma do novo contexto global de maior disputa entre países por um menor fluxo global de IDE. Economias centrais, tradicionais exportadores de investimento direto, agora disputam ingressos de IDE, inclusive de empresas brasileiras.

A assinatura de tratados bilaterais de investimento constitui um dos possíveis instrumentos por parte dos governos para enfrentar este cenário de maior disputa entre países por um menor fluxo global de IDE. Nesse sentido, foram assinados 1004 tratados bilaterais de investimento nos últimos 10 anos no Mundo. Cabe notar que o Brasil não assinou nenhum tratado de investimento nos últimos 10 anos, como se observa na figura 2, assim como apenas 19 de 177 países da amostra da Unctad.

Boletim da SOBEET

Tel/fax: 55 11 3078-9236
e-mail: sobeet@sobeet.org.br
site: www.sobeet.org.br

Um dos argumentos para a não assinatura de tratados bilaterais de investimento pelo Brasil reside nos ingressos superiores às saídas de IDE. Ou seja, ao assinar tratados bilaterais de investimento, o país teria mais de proteger investimentos estrangeiros do que ter protegido investimentos brasileiros.

O argumento acima é questionável por pelo menos 3 motivos. Primeiro, porque no médio e longo prazo o Brasil poderá se tornar exportador líquido de capitais, a exemplo do já observado no ano de 2006. Em segundo lugar, porque já há precedentes de interesses de empresas brasileiras afetados por decisões de governos de diferentes países da América Latina. Terceiro, porque em relação às entradas de investimentos diretos estrangeiros no Brasil, estas poderiam ser superiores aos ingressos efetivos caso contássemos com tratados de investimento.

Figura 1: Indicadores selecionados de investimento direto e de produção internacional

	Valores a preços correntes (US\$ bilhões)				Taxa de crescimento anual (percentual)				
	1990	2005	2008	2009	1991-1995	1996-2000	2001-2005	2008	2009
Fluxo de IDE (entrada)	208	986	1 771	1 114	22.5	40.0	5.2	-15.7	-37.1
Fluxo de IDE (saída)	241	893	1 929	1 101	16.8	36.1	9.2	-14.9	-42.9
Estoque de IDE (entrada)	2 082	11 525	15 491	17 743	9.3	18.7	13.3	-13.9	14.5
Estoque de IDE (saída)	2 087	12 417	16 207	18 982	11.9	18.4	14.6	-16.1	17.1
Receitas de IDE (entrada)	74	791	1 113	941	35.1	13.4	31.9	-7.3	-15.5
Receitas de IDE (saída)	120	902	1 182	1 008	20.2	10.3	31.3	-7.7	-14.8
Fusões e aquisições (m&a)	99	462	707	250	49.1	64.0	0.6	-30.9	-64.7
Vendas das filiais estrangeiras	6 026	21 721	31 069	29 298	8.8	8.2	18.1	-4.5	-5.7
Produto bruto das filiais estrangeiras	1 477	4 327	6 163	5 812	6.8	7.0	13.9	-4.3	-5.7
Total de ativos das filiais estrangeiras	5 938	49 252	71 694	77 057	13.7	19.0	20.9	-4.9	7.5
Exportações das filiais estrangeiras	1 498	4 319	6 663	5 186	8.6	3.6	14.8	15.4	-22.2
Empregos nas filiais estrangeiras (milhares)	24 476	57 799	78 957	79 825	5.5	9.8	6.7	-3.7	1.1
PIB (preços correntes)	22 121	45 273	60 766	55 005	5.9	1.3	10.0	10.3	-9.5
Formação bruta de capital fixo	5 099	9 833	13 822	12 404	5.4	1.1	11.0	11.5	-10.3
Royalties e licenças	29	129	177	..	14.6	8.1	14.6	8.6	..
Exportações (bens e serviços)	4 414	12 954	19 986	15 716	7.9	3.7	14.8	15.4	-21.4

Fonte: UNCTAD Elaboração: SOBEET

**Figura 2: Número de Tratados de Investimento Assinados por Região e País, 2000-2009
(países selecionados)**

Região / Economia	
Mundo	1004
Europa	509
Áustria	32
Bélgica	40
Suíça	31
América do Norte	7
Países em desenvolvimento	829
África	341
África do Sul	18
América Latina	131
Argentina	4
Bolívia	3
Brasil	-
Chile	5
Colômbia	6
Uruguai	7
Venezuela	6
México	17
Ásia	476
Turquia	25
China	48
Índia	43
Coréia	37
Tailândia	20
Vietnã	19
Economias em Transição	253

Fonte: UNCTAD Elaboração: SOBEET

PRESIDENTE: Luis Afonso Lima (Grupo Telefónica)
VICE-PRESIDENTE: Reynaldo Passanezi (BBVA)
DIRETOR FINANCEIRO: Nicola Tingas (FGV)
DIRETOR: Eduardo Luiz Machado (IPT)
DIRETOR: Frederico Turolla (Pezco)
DIRETOR: José Augusto Guilhon de Albuquerque
DIRETOR: Ernesto Lozardo (FGV/EAESP)
DIRETOR: Mario Antonio Margarido (Instituto de Economia Agrícola)
DIRETOR: Roberto Padovani (WestLB)
DIRETOR: Rogério Schmitt

CONSELHO CONSULTIVO:

PRESIDENTE: Hermann Wever (Siemens Brasil)
André Costa Carvalho (UBS Investment Bank); **Antônio Corrêa de Lacerda** (PUC-SP); **Antonio Prado** (BNDES); **Armando Castelar Pinheiro** (IPEA); **Arno Meyer**; **Carlos Eduardo Carvalho** (PUC-SP); **Carlos Kwall**; **Christian Lohbauer**; **Gustavo Franco** (PUC-RJ); **John E. Mein** (Consentes); **Luciano Coutinho** (BNDES); **Marcelo Resende Allain** (Barclays Global Investors); **Maria Helena Zockun** (FIPE-USP); **Maurício Mesquita Moreira** (BNDES); **Octavio de Barros** (Bradesco); **Otaviano Canuto** (BIRD); **Renato Baumann**(UnB/ CEPAL-Brasil); **Ricardo Bielschowsky** (CEPAL-Brasil); **Rolf-Dieter Acker** (BASF); **Rubens Barbosa** (Ex-Embaixador do Brasil em Washington); **Rubens Ricupero** (Ex-Secretário Geral da UNCTAD); **Sandra Polónia Rios** (CNI); **Vera Thorstensen** (Missão do Brasil na OMC); **Virene Roxo Matesco** (EPGE/IBRE-FGV-RJ); **Winston Fritsch**.

MANTENEDORES



The Chemical Company



 Grupo Santander Brasil

SIEMENS

ThyssenKrupp Metalúrgica
Campo Limpo

Uma Empresa ThyssenKrupp Technologies



ThyssenKrupp

PARCERIA

ECONÔMICO
Valor